



Nova família, nova língua, novo mundo – resenha sobre a aquisição da segunda primeira língua de crianças internacionalmente adotadas

New family, new language, new environment – review on the second first language acquisition of internationally adopted children

Pedro PERINI-SANTOS*

Esta resenha apresenta uma série de estudos sobre a aquisição da *segunda* primeira língua de crianças adotadas por famílias estrangeiras. Apesar de haver diferenças da idade no momento da adoção, da extensão dos períodos de orfandade e das práticas assistenciais prévias e posteriores à adoção, reconhece-se um traço comum às crianças adotadas por famílias estrangeiras: sua primeira língua foi interrompida e substituída por uma língua de adoção que passou “a ser a sua língua primária e frequentemente a sua única língua” (GENESEE, p. 1). Esse é o tema desta coletânea de trabalhos organizada pelos psicólogos canadenses Fred Genesee e Audrey Delcenserie.

Starting Over – the language development in internationally-adopted children é o 18º volume da série de publicações da editora John Benjamins sobre a aquisição da língua materna. Editado por Fred Genesee, da McGill University, e Audrey Delcenserie, da Université de Montréal, *Starting Over* reúne pesquisas que investigam o desenvolvimento linguístico de crianças Internacionalmente Adotadas (crianças IA). Os estudos apresentados analisam as implicações linguísticas da adoção internacional

* Doutor em Linguística pela UFMG/University of California. Professor adjunto da UFVJM. pedro.perini.santos@gmail.com

Resenha recebida em: 13.10.2022; aprovada em: 30.01.2023.

em que ocorrem a abrupta ruptura com a língua de nascimento e a também abrupta inserção das crianças adotadas em ambientes linguísticos novos.

A população de crianças IA é bastante específica, mas o interesse da publicação é amplo. *Starting Over* discorre sobre as conjunturas linguísticas extremas vividas por esse público infantil que evidenciam perguntas latentes e pouco exploradas. As pesquisas apontam para temas conceituais, metodológicos e sociais relevantes para quem estuda a aquisição da língua materna em transição decorrente da adoção internacional e para quem estuda a aquisição da língua materna em situações-padrão. Falaremos sobre esses temas no decorrer desta breve resenha.

O livro é organizado em *Introdução* e mais 7 capítulos.

A *Introdução* é assinada por Fred Genesee e aponta para as especificidades da aplicação de conceitos discutidos pela linguística na análise da vida linguística das crianças IA. Os limites entre a primeira e a segunda língua, entre o monolinguismo e o bilinguismo, e entre a resiliência cerebral e o período crítico de aquisição da língua materna são interpretados para esse público singular de aprendizes infantis. Se se assumir que a aquisição de L1 antecede a aquisição de L2, pode-se dizer que os aprendizes de uma “segunda primeira língua” diferem dos típicos aprendizes de L2. As crianças IA são inseridas na prática de uma segunda língua antes do estabelecimento de sua primeira língua. E isso tem suas consequências: as crianças IA que vivenciaram a interrupção de suas línguas maternas e a abrupta inserção em relações comunicativas inéditas precisam ser acompanhadas. Há casos que demandam ações clínicas. Para Genesee, este é um dos motivos que motivam a pesquisa com esse público.

O primeiro capítulo do livro é intitulado *Pre-adoption stress, adversity and later development in IA children*. Jessica Rice, Andrea Jackson, Emily Mahoney e Tony Xing Tan descrevem os dados sobre as formas possíveis de adoção – familiar ou institucionalizada –, sobre as razões da adoção – pobreza, abuso de álcool e drogas, violência familiar ou preconceito social – e sobre a origem e o destino das 360.000

crianças internacionalmente adotadas na primeira década dos anos 2000. Indica-se neste estudo que a intensidade do estresse infantil é proporcional ao tempo de permanência em instituições de acolhimento pré-adoção que empregam pessoal despreparado, mal pago e inconstante. Segundo as autoras, “em média, as crianças institucionalizadas na Rússia, por exemplo, são acompanhadas por 60 a 100 cuidadores até completarem os dois anos de vida” (p. 23).

Children's cognitive development after adoption é assinado por Chloë Finet, Harriet Vermeer, Femmie Juffer, Guy Bosman e Patricia Bijttebier. Este segundo capítulo trata do desenvolvimento cognitivo pós-adoção. Os autores discorrem sobre a dificuldade no acompanhamento da evolução cognitiva das crianças após a adoção e apontam para o fato de as famílias adotantes – em sua maioria, compostas por pessoas mais velhas, mais estudadas e com boa situação econômica – oferecerem ambientes comunicativos mais ricos do que as instituições de acolhimento. Finet *et al.* relatam quatro pesquisas longitudinais. A primeira pesquisa acompanhou o desenvolvimento de 165 crianças romenas adotadas por famílias inglesas após a permanência de até 42 meses em instituições de acolhimento. Esse grupo foi comparado com outras 52 crianças também adotadas por famílias inglesas antes dos 6 meses de idade. Foram aplicados testes de desempenho escolar, coeficientes de inteligência, desempenho e funcionamento intelectual junto às crianças IA dos dois grupos com 6, 11 e 15 anos de idade. O estudo mostra que há avanços no desempenho linguístico das crianças romenas ao longo do período analisado, mas os déficits previamente constatados junto àquelas que permaneceram mais de 6 meses em instituições de acolhimento persistem. A segunda pesquisa descreve o uso linguístico de 100 crianças – em sua maioria, romenas – acolhidas em uma instituição grega antes dos 6 meses de vida em três momentos distintos: há um ano na instituição, já adotadas com 4 anos e com 13 anos de idade. Apesar de os cuidadores serem orientados a estabelecer relações afetivas com as crianças acolhidas, o desenvolvimento cognitivo das crianças que foram institucionalizadas mostrou-se inferior ao desempenho das crianças criadas por

famílias biológicas e superior ao das crianças ainda residentes na instituição. A terceira pesquisa foi desenvolvida junto a 160 crianças adotadas por famílias holandesas. Provenientes da Colômbia, 25 crianças, Coréia do Sul, 49 crianças, e Sri Lanka, 86 crianças, os infantes foram adotados com menos de 6 meses de vida. Antes da adoção, as crianças colombianas e coreanas foram acolhidas por instituições em seus países de origem. As cingalesas foram criadas pelas mães biológicas até o momento da adoção. Junto a essas crianças adotadas – agora com 7, 14 e 23 anos de idade – foram aplicados testes de verificação de inteligência. Constatou-se que aos 7 anos de idade a média de inteligência dos adotados supera o padrão geral da população. Constatou-se que os meninos tiveram melhor desempenho do que as meninas e que as crianças coreanas obtiveram valores de QI superiores aos valores dos cingaleses. Foi observado que o desempenho escolar das crianças adotadas medido aos 7 anos se assemelha ao rendimento dos não-adotados. Esse resultado é atribuído “à sensibilidade das mães adotivas durante a infância” dessas crianças (p. 45). A diferença constatada pelos estudos após 7 anos de adoção diz respeito às taxas de repetição escolar: 20%, para as IA, e entre 5 e 20%, para as não-adotadas. Os estudos feitos com os adotados aos 14 e aos 23 anos apontam para desempenhos escolares semelhantes entre adotadas e não-adotadas. Para esses dois grupos, as diferenças no desempenho escolar foram atribuídas aos perfis socioeconômicos das famílias adotivas. A quarta pesquisa mediu o desempenho cognitivo de 92 meninas chinesas também adotadas por famílias holandesas. Junto às 42 meninas IA que não foram institucionalizadas antes da adoção familiar tiveram melhor desempenho escolar.

No terceiro capítulo, *Language development during preschool years*, Kathleen Scott e Jenny Robert listam 31 pesquisas que acompanharam o desempenho linguístico de crianças IA entre 1982 e 2015. Nas pesquisas apresentadas, a interrupção do uso da língua de nascimento acontece logo nos primeiros meses pós-adoção é traço comum. Tudo se passa como se as crianças adotadas retornassem ao ponto inicial da negociação materno-filial da atenção compartilhada com gestos, olhares e vocalizações. Por esse

motivo, o primeiro ano da adoção é determinante na evolução das habilidades pragmáticas, fonológicas, lexicais e morfossintáticas dessas crianças. Apesar do notório aumento de casos de adoção internacional de crianças em idade escolar, há poucas pesquisas dedicadas ao desenvolvimento fonológico da segunda primeira língua dessas crianças. Já o volume de estudos que acompanham a aquisição do vocabulário infantil é mais robusto e a metodologia, mais consolidada. A expansão do repertório lexical das crianças de adoção precoce é lento e se assemelha ao padrão de crianças não adotadas. No entanto, quando tardiamente adotadas, após os 30 meses de vida, as crianças IA aprendem palavras em taxas bem mais elevadas e demoram um certo tempo para alcançar o nível padrão para a idade. Também pouco se estuda sobre o atrito entre a língua de nascimento e a língua de adoção. Uma vez acomodadas em nova família, relatam os autores, “a maior parte das crianças internacionalmente adotadas não são mais expostas à primeira língua” e “fazem pouco uso da língua de nascimento nos primeiros meses na casa nova” (p. 68). A inserção em um novo ambiente linguístico doméstico resulta no silenciamento de uma língua que até então era a língua escutada e falada pela criança neófita. A meu ver, trata-se de um claro contexto de atrito entre dois sistemas linguísticos: o usado, praticado e esperado na casa; e o silenciado, que a casa não pratica e não entende.

O quarto capítulo, *Language, cognitive, and academic abilities of school-age internationally-adopted children*, acompanha as crianças IA na escola. Andrey Delcenserie relata que também sobre este tema há poucos estudos. Quando há, são poucos aqueles que pesquisam a sua capacidade de abstração infantil. A pesquisadora relata que são ainda mais restritos os estudos sobre o desempenho linguístico dessas crianças durante as aulas. No estudo relatado por Delcenserie, constata-se que as crianças IA têm desempenho escolar inferior ao desempenho dos colegas falantes nativos. Mesmo se adotadas antes de completarem 24 meses de vida, as crianças precisam de 12 meses após a adoção para atingir o desempenho fonológico de uma criança nativa. Delcenserie também constata que as crianças chinesas bilíngues

adotadas por famílias anglófonas ou francófonas residentes no Canadá antes dos 100 meses de vida obtiveram piores desempenhos na produção e na compreensão gramatical e lexical do que as crianças monolíngues ou não-adotadas. Em seguida, a autora reflete sobre o desempenho escolar de crianças IA apresentado por estudos progressos. Considerados em conjunto, os estudos publicados não são concludentes, mas trazem importantes apontamentos. Primeiro: 33,3% dos pais adotivos mantêm-se fortemente empenhados no desenvolvimento linguístico dos filhos IA na idade escolar. Segundo: uma percentagem relativamente alta de crianças IA, é atendida ou é reincidente em programas especiais de ensino escolar. Terceiro: parte das crianças IA tem origem em países em que o acolhimento do período pré-adotivo está muito abaixo dos padrões ótimos e, assim, as crianças pré-adoção foram sujeitadas a situações de pobreza e de abuso antes do embarque para o novo país.

Long-term language development in international adoptees é o quinto capítulo do livro. Gunna Norrman, Kenneth Hyltenstam e Emanuel Bylund afirmam que o desenvolvimento linguístico das crianças IA é atípico em função da interrupção abrupta da exposição à língua de nascimento e da também abrupta exposição ao novo idioma. Essa atipicidade tem efeitos a longo prazo e constitui “questão importante para a compreensão teórica sobre alguns fatores que influenciam o desenvolvimento linguístico” (p. 126). Dado que a prática da adoção internacional teve início logo após a Segunda Guerra, “a maior parte dos adotados [internacionalmente] são adultos” (p. 126). Estima-se haver uma população de 1 milhão de adultos IA. A revisão conceitual e o aporte empírico propostos pelos autores não permitem comentários concludentes sobre as atipicidades de desenvolvimento linguístico desse público. Elas são sutis e pouco investigadas em estudos longitudinais. Mesmo assim, há aspectos que merecem atenção. Um deles diz respeito à compreensão e ao uso de expressões metafóricas e de

expressões lexicais¹. Norrman *et al.* citam pesquisas realizadas com crianças adotadas com menos de 6 anos de idade que manifestam menos desenvoltura com esses dois recursos textuais, mesmo se residentes há mais de 10 anos no país de acolhimento. Outro aspecto explorado concerne à produção e à percepção sonora. Os autores consideram duas pesquisas sobre o tema neste capítulo. A primeira testou as distinções fonéticas /p-b/, /t-d/ e /k-g/ em sueco junto a falantes nativos e junto a adultos IA de origem hispanofônica. A segunda mapeou a autopercepção e a hetero-percepção da realização sonora como nativa ou quase-nativa por 195 adultos adotados, por falantes do sueco como L2 e por nativos escandinavos. Dos investigados adotados, “107 começaram a aprender o sueco antes dos 12 anos de idade, e 88, após os 12 anos de idade” (p. 134). Novamente, não se alcançaram resultados concludentes.

Speech and language clinical issue in internationally-adopted children é o sexto capítulo. Sharon Glennen sustenta a importância da presteza no diagnóstico do desenvolvimento linguístico da criança IA para que haja, se necessário, intervenção clínica. O desenvolvimento de uma criança IA não deve ser avaliado de acordo com os padrões de crianças não-adotadas, mas com o desenvolvimento de outras crianças IA. O que vale não é a idade de nascimento, mas a idade de chegada na sua nova casa. Glennen acompanha o crescimento de crianças IA desde os primeiros meses de adoção até o início de sua escolarização formal no país de acolhimento. Em projeto que leva o seu nome, a pesquisadora separa as crianças IA em grupos de acordo com a idade no momento da adoção: de 0 a 11 meses, de 12 a 17 meses, de 18 a 23 meses, de 2 a 3 anos, de 3 a 4 anos, e acima dos 5 anos. Todas as crianças são provenientes de países da Europa do Leste. O primeiro e o segundo grupos não manifestaram atrasos consideráveis. Rapidamente, transitaram para a nova língua. O período de mudança linguística das crianças do terceiro, do quarto e do quinto grupo é mais longo,

¹ Por ‘expressões lexicais’, compreendem-se as formas mais ou menos fixas que são “memorizadas em bloco”, como *espírito de porco, era uma vez, de mais a mais* e *quem espera sempre alcança* (FULGÊNCIO, 2008, p. 8).

sobretudo na produção de sentenças extensas. Passados 15 meses de adoção, as crianças IA adotadas acima dos 3 anos de vida alcançam os padrões de expressão e de compreensão de sentenças extensas. Precisaram de mais tempo, explica, porque as crianças adotadas após os 3 anos “têm mais a aprender da nova língua” (p. 159). A conclusão é: quanto mais cedo tiver início o convívio com o novo ambiente linguístico, mais rápida será o *swift* para a nova língua. Outro valioso resultado do projeto Glennen é o reconhecimento de “traços neurológicos da primeira língua pelo menos até a adolescência” em crianças IA que foram iniciadas em sua língua materna pré-adoção, “mesmo se o uso funcional na nova língua não exista mais” (p. 151)

Language loss or retention in internationally-adopted children é o sétimo e último capítulo do livro. Lara Pierce, Fred Genesee e Denise Klein comparam pesquisas neurológicas e comportamentais que investigaram a retenção e a perda de traços da língua interrompida no público internacionalmente adotado. Os autores apresentam dois cenários distintos que podem ser sumarizados na seguinte indagação: o que ficou da L1, se é que ficou algo, é motivo de atrito ou de sensibilidade linguística em relação à L2? Sobre a percepção sonora e a configuração neurológica, estudos feitos com adultos de origem coreana adotados por famílias francófonas indicam a ausência de memória da língua pré-adoção. Outras pesquisas realizadas com o mesmo público reconhecem “memória” da língua de nascimento em adultos que foram adotados há muitos anos. Dado que os sistemas sensoriais primários compõem a habilidade linguística, constatou-se maior sensibilidade no reconhecimento de contrastes fonéticos ou tonais ausentes nas línguas de adoção, mas presentes nas línguas pré-adoção. Novamente, o capítulo associa a presença de diferentes habilidades e traços das línguas de nascimento à idade da adoção. Apesar de ser “crescente o conjunto de evidências em vários domínios a revelar que pequenas diferenças na experiência inicial [de aquisição] podem gerar diferenças na estrutura do cérebro” (p. 195), os autores assinalam que esta e outras pesquisas que buscam localizar a memória neurológica e comportamental da língua de nascimento não primam pela robustez

metodológica. A presença de traços da L1 pode se dar em função de contatos posteriores havidos com a primeira língua pré-adoção. Pierce, Genesee e Klein reconhecem assim que há traços da língua materna adquiridos antes da adoção que “servem de apoio para as aquisições subseqüentes” (p. 180), quando há constância de contato com a primeira língua materna. Por esse motivo, concluem, entender o que é atrito e o que retenção da língua de nascimento é algo “crucial para a compreensão do desenrolar da experiência de aprendizagem linguística das crianças IA” (p. 180)

Starting Over é um livro muito bom. Dá acesso a um volume significativo de pesquisas e perguntas multidimensionais sobre o desenvolvimento da fala das crianças adotadas em diferentes partes do mundo por famílias de outras partes do mundo. São situações de aquisição e desenvolvimento da *primeira* ou da *segunda* primeira língua que têm formas e protagonistas “diferentes em condições diferentes de aprendizagem” que nos convidam a “reconceitualizar a noção de competência linguística inata, incluindo novos caminhos para a aprendizagem linguística” (p.14)

O livro também aponta para pesquisas que abrangem o contato linguístico, as diferenças de amadurecimento por gênero e os efeitos da atitude linguística dos pais adotivos. Sobre este último ponto, há algo mais a ser proposto. O dito *starting over* na aquisição da língua materna abrange um público mais amplo do que as crianças IA. O capítulo 3 do livro resenhado elenca pesquisas que acompanharam o desenvolvimento linguístico dessas crianças durante o período pré-escolar. “Os pesquisadores examinaram o uso linguístico e as estratégias de atenção conjunta praticadas pelos pais adotivos”, relatam Scott e Robert. O efeito na superação das dificuldades lexicais e pragmáticas constatadas junto aos filhos IA foi “surpreendente” (p. 75). Se se reconhece a ocorrência de déficits linguísticos e se há a devida atuação terapêutica, colhem-se bons resultados. (Vale lembrar que a maior parte das famílias adotivas considerada nas pesquisas reladas é composta por pessoas mais velhas, com formação formal completa e bom padrão socioeconômico.)

Em artigo recente, Chiara Suttora *et al.* (2021) relatam a prática e os resultados de tratamentos com crianças diagnosticadas como “late-talkers”. As late-talkers são crianças que manifestam déficits em vários aspectos de seu desenvolvimento linguístico. Elas vivem um “ciclo de feedback linguístico idiossincrático” (SUTTORA *et al.*, p. 2), que pode ser descrito da seguinte forma. Os pais não ecoam de forma produtiva a fala dos filhos, dão poucas respostas aos seus atos comunicativos iniciatórios e não expandem as sentenças e o léxico referente aos temas propostos durante os diálogos. Conseqüentemente, as crianças têm acesso a um input linguístico restrito e a interação dialógica familiar é ciclicamente pouco criativa. Feito o diagnóstico, Suttora *et al.* (2021) apresentam os resultados das intervenções terapêuticas propostas na clínica em que atuam. São dois movimentos. O primeiro movimento é orientado para a criança: são desenvolvidas terapias de fala que visam aumentar a destreza fonológica e lexical do paciente. O segundo movimento envolve os pais – “os principais responsáveis pelo tratamento” (p.3). As intervenções terapêuticas junto aos progenitores resultaram em aumento do número de díades entre pais e filhos durante as sessões de leitura compartilhada. Conseqüentemente, constatou-se a expansão do léxico, em quantidade e em variação, constatou-se também expansão da extensão das sentenças produzidas pelas crianças. Nessa mesma direção, a Organização Mundial da Saúde (WHO – *Commission on the Social Determinants of Health*, 2008) orienta os profissionais de saúde a “prover livros para os pais lerem para as crianças de 6 a 8 anos [...] o que tem impacto significativo no desenvolvimento linguístico e escolar” dessa população vulnerável. (ENGLE *et al.* 2013, p. 190). Esses dois casos são análogos à vivência das crianças IA: há atrito linguístico e há ações propedêuticas ou intervenções terapêuticas que resultam em bons efeitos.

Finalmente, e sem atenuar a recomendação de leitura que faço, *Starting Over – the language development in internationally-adopted children* tem suas fragilidades. Mais de uma vez os autores reconhecem que uma parte importante das pesquisas

apresentadas não são concludentes, que são necessárias revisões e adequações metodológicas, e que novos estudos precisam ser feitos.

Referências

ENGLE, P.; YOUNG, M.; TAMBURLINI, G. The role of the health sector in early childhood development. *In*: BRITTO, P.; ENGLE, P.; SUPER, C. (ed.) **Handbook of Early Childhood Development Research and its Impact in Global Policy**. New York: OUP, 2013, p.183-202. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199922994.001.0001>

FULGÊNCIO, L. **Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro**. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_FulgencioLM_1.pdf.

GENESEE, F.; DELCENSERIE, A. **Starting Over – the language development in internationally-adopted children**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2016. DOI <https://doi.org/10.1075/tilar.18>

SUTTORA, C., ZUCCARINI, M., ACETI, A., CORVAGLIA, L., GUARANI, A., SANSAVINI, A. The Effects of a Parent-Implemented Language Intervention on Late-Talkers' Expressive Skills: the mediational role of parental speech contingency and dialogic reading abilities. **Frontiers in Psychology**, 2021. DOI <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.723366>